Série III — Ano 7.º | Porto, 8 de Outubro de 1916 | Número 51

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam. adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo
Número avulso, $01 (10 reis)

O que é preciso fazer-se

PARA ninguêm é desconhecida a situação presente: ela vê-se, ela sente-se, ela sofre-se. Tudo resvala pelo declive fatal da desgraça. A reacção económica, política e religiosa está-se a desenvolver dum modo assustador. Mas essa reacção não se dá unicamente entre nós: ela estende-se pela Europa inteira, tanto mais intensa, quanto mais livre se declara um país. A França, para a qual se voltaram tôdas as atenções de alguns *revolucionários*, está a recuar para o ultramontanismo: mais do que quaisquer outras escolas políticas ou filosóficas, o católico tem licença absoluta de intensificar a sua propaganda, e ela corre a tôda a parte. Sobretudo, os que mais sentem a tirania governamental são os arquistas. A sua propaganda é incomodada constantemente ou pelos enormes rasgões da censura, ou pela supressão arbitrária de jornais que não agradam. O periódico anarquista russo *Nache Slovo*, que se publicava em Paris, foi interdito, por ordens superiores e misteriosas, *para sempre!* Para sempre e sem o menor protesto dos socialistas empoleirados, desses traidores e desavergonhados, que depressa esqueceram a sua origem. Pois êste jornal apresentava-se à censura prévia como todos os outros e como todos os outros acatava resignada os seus cortes e as suas imposições. Era um jornal lido e vigiado oficialmente. Não tinha, por conseqüência, o perigo da dinamite!

Em face desta situação a propaganda anarquista tem de tomar um incremento especialíssimo. Mas a par da propaganda tem de se desenvolver também a acção dentro e fora dos sindicatos, dentro e fora das multidões. Segundo os tratados da psicologia, a *vontade* é o principio do *querer* que se opera em cada *eu*, isto é: em cada individualidade. Ora cada anarquista quer que os sofrimentos humanos tenham o seu fim; quer que o sistema burguês dê logar à sociedade livre dos trabalhadores, baseada no acôrdo mútuo de produção e consumo; quer a supressão, portanto, de todos os opressores políticos, económicos e religiosos. Nem Estados com as suas oligarquias, nem Assambarcadores e Financeiros com tôdas as suas manivérsias, nem Deuses com tôdas as suas metafísicas.

Sendo assim, essa vontade, ou antes, êsse *querer* deve ser posto em actividade. Para melhor ser posto em actividade o anarquista tem de procurar a inteligenciação dos seus esforços na organização dos grupos, federações e confederações nacionais e internacionais. O *querer* do *eu* alia-se ao *querer* do grupo e da organização subordinada a um intendimento escudado num sistema eficáz de luta. E esta organização deve accionar à luz clara do dia ou à triste escuridão da noite, consoante as circunstâncias, os meios e as *liberdades*...

O momento psicológico na Europa é único. A propaganda é precisa; mas a acção é indispensável, a acção em tôdas as partes, desde o sindicato á rua.

A situação anormal, o cerceamento das liberdades, a falta do pão porque está assambarcado, o lume apagado nas casas proletárias, a avareza do senhorio, os géneros de primeira necessidade cada vez mais caros porque são exportados, a eminência duma crise geral de trabalho—tudo nos leva a crer que pode surgir dum momento para o outro um levantamento popular. E na hipótese dêste caso, que são freqüentes na história, os anarquistas devem estar preparados individual e colectivamente para tomarem os seus postos e avançarem até onde fôr preciso.

Na França, apesar da grande maioria de camaradas estar morta ou nos campos de batalha, a actividade revolucionária e anarquista é lisongeira. A imprensa, os manifestos, as brochuras, as conferências, as palestras, os passeios de propaganda e de confraternização desenvolvem-se. Mas a par desta actividade os nossos camaradas franceses estão a cuidar da organização de resistência e de luta um pouco abalada pelo confusionismo da guerra, preparando-se para as eventualidades, preparando-se para constituírem uma fôrça.

Em Espanha sucede outro tanto. As lutas económicas que lá tem havido demonstram à evidência que a par da propaganda teórica pela pena e pela palavra há mais alguma coisa que é precisa: a organização, que fomenta e actua nos movimentos.

Porque é que em Portugal os anarquistas não se hão-de constituir em fôrça? O partido democrático para, neste momento, antevendo bem a tempestade que talvez não tardará a desencadear-se, se tornar mais forte ainda, teve a captividante habilidade de atrair o partido evolucionista e ambos se constituíram em bloco. O partido socialista, aproveitando-se das desavenças, dos desgôstos, das desilusões de muita gente esforça-se por aumentar as suas fileiras. Isto no campo político. No campo económico os governantes, preocupados com a guerra, desprezam a situação do povo, deixando-o entregue às suas lamentações. O financeiro, o proprietário, o negociante e o assambarcador unem-se no mesmo abraço de usurpação, construindo em cima do lombo alheio os seus suntuosos palácios e as suas colossais fortunas.

Já que todos se unem, os anarquistas não se podem unir? Sem dúvida que sim. Teem de cerrar mais as suas fileiras, de redobrar de actividade. Tratemos de desenvolver a propaganda, de auxiliar o jornal tornando-o conhecido, de espalhar o ideal por tôdas as formas: — pela pena e pela palavra, no jornal, no manifesto, no opúsculo—nas reuniões públicas, nas conversas íntimas. Mas a par desta acção, deve-se também cuidar da fôrça organizada, porque os anarquistas precisam de ser uma fôrça preparada para a luta, para as eventualidades, para a sua própria defesa. Neste momento não há novos nem velhos: há anarquistas. A sua vontade, isto é, o seu *querer* deve ser posto em actividade à luz clara do dia ou à escuridão da noite, consoante as circunstâncias, os meios e as *liberdades*...

Porque o momento é grave e cheio de enigmas. Quanto aos recursos, se formos persistentes, encontra-los hemos nas dedicações.

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

CONFISSÕES BURGUESAS

Se alguma coisa nos demonstra e ensina a grande conflagração europeia, é que a teoria do Estado em vigor e as suas aplicações à sociedade humana estão cariadas e podres na sua própria raiz. Um sistema que durante gerações e gerações sobrecarrega os seus membros duma soma cada vez maior de taxas e armamentos, que gera a miséria, a desocupação, a revolta e o ódio, e explode num universal holocausto de assassinato e ruína, é — pelo menos — de valor prático discutível. Pois precisamente a êsse ponto chegaram os poderes políticos da Europa com a tam gabada civilização do século XIX.

Não haverá meio de sair destas condições? Estará fora das possibilidades humanas e acima da inteligência humana conceber uma sociedade isenta do arrogante militarismo, com a sua louca correria para os armamentos e as suas periódicas, sangrentas e tristes explosões?

FREDERICO MATHEWS.

(«New-York Times Magazine» 16-7-1916.)

Conferência

O nosso camarada J. Salgado realiza hoje, pelas 9 horas, nas salas da redacção de *A Aurora* uma conferência sôbre as *Escolas anarquistas*. Convidam-se todos os camaradas a assistir.